

## 4

### “Estavas, linda Inês...”

“Cantiga, partindo-se”

Senhora, partem tam tristes  
meus olhos por vós, meu bem,  
que nunca tam tristes vistes  
outros nenhūs por ninguém.

Tam tristes, tam saudosos,  
tam doentes da partida,  
tam cansados, tam chorosos,  
da morte mais desejosos  
cem mil vezes que da vida.  
Partem tam tristes os tristes,  
tam fora d’esperar bem  
que nunca tam tristes vistes  
outros nenhūs por ninguém.

(Joam Rodriguez de Castel Branco)

O tema dos amores de Pedro e Inês tornou-se matéria essencialmente poética, exprimindo-se sobretudo em poesia e marcando liricamente o teatro e a ficção romanesca. Maria Leonor Machado de Sousa destaca que “excepto no teatro do século XVIII, a tradição portuguesa manteve-se fiel à crónica do século XV, rejeitando influências estrangeiras fantasiosas ou francamente erradas do ponto de vista histórico”<sup>44</sup>.

Iniciaremos esta última parte do nosso estudo com a leitura de alguns dos mais representativos textos da Lírica Portuguesa do século XX, não sem antes nos determos em dois autores cuja interpretação desta parte da História de Portugal em muito influenciou – e influencia – os textos poéticos inesianos. Garcia de Resende foi o primeiro a encontrar no episódio de Inês de Castro matéria poética, de que Camões foi a grande voz lírica. A partir d’ *Os Lusíadas*, expressões como “mísera e mesquinha”, “linda Inês”, passaram a integrar o vocabulário inesiano.

Passando só pelas cumeeiras, a partir de Garcia de Resende, e detendo-nos em Camões sobretudo, chegamos à contemporaneidade, verificando que todas as épocas encontraram interesse no episódio. Buscaremos caminhos de leitura para alguns destes poemas, recolhidos quase em sua totalidade da *Antologia Poética Inês de Castro*, para que sobre eles possamos tecer comentários. Privilegiaremos

---

<sup>44</sup> SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984, p.126.

alguns dos contemporâneos – privilegiando aqueles textos que passam pelo ideário da *saudade* –, passando pelo poeta árcade e muitas vezes (ultra)romântico, Manuel Maria Barbosa du Bocage, de quem destacamos duas versões poéticas: a “cantata à morte de D. Inês de Castro” e o soneto “À lamentável catástrofe de Inês de Castro”.

No tópico seguinte, tomando por mote o pensamento de que “Portugal é uma fonte de saudade”, aproximaremos os princípios do *Saudosismo* postulado por Teixeira de Pascoaes e a peça *Pedro, o Cru*, de António Patrício. Justificaremos a escolha de uma tragédia neste estudo que se propõe à leitura de textos líricos em virtude do entrelaçamento entre o campo imaginário e o histórico, presente na tragédia de Patrício. Obra que, refletindo questões *saudosistas*, vai muito além do *Saudosismo*. Pautaremos nossa leitura nos aspectos filosóficos e culturais da Saudade como marca da identidade de Portugal.

Fechando este nosso estudo da Literatura Portuguesa abriremos espaço para a Brasileira, que encontrou no episódio de Inês de Castro motivo de criação poética. Jorge de Lima, Ivan Junqueira e Tatiana Alves serão os autores com os quais trabalharemos. Todos eles com muito a dizer sobre esta nossa “Musa Inês”.

#### 4.1 Inês: o olhar de Orfeu

Comenta Octavio Paz que “a História é o lugar de encarnação da palavra poética”<sup>45</sup>, em uma alusão à idéia de que o encontro entre ambos os campos discursivos – o histórico e o literário –, através do diálogo por eles possibilitado é sempre renovador e epifânico. Já tecemos alguns comentários em nosso trabalho, por exemplo, sobre a relação entre História e Literatura, inserindo-as no contexto português. Em toda expressão cultural, o mito sempre é fortalecido pelo campo histórico, e não por ele anulado ou vencido. A obra literária é, em suma, capaz de reunir todos os discursos em um só.

Só com a descoberta da História [...], só através da assimilação radical deste novo modo de ser representado pela existência humana no mundo foi possível ultrapassar o mito. Mas não é certo que o pensamento mítico tenha sido abolido [...] Ele conseguiu sobreviver, embora radicalmente modificado [...] e o mais curioso é que ele sobrevive, sobretudo na historiografia.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. 3. ed. México: FCE, 1972, p. 186. (Ao citar, traduzi)

<sup>46</sup> ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa; edições 70, 1989, p. 27.

O que justamente permite a sobrevivência do mito às verdades históricas é a sua constante movência, resultante da poetização à qual se submete. O amor de Pedro e Inês como tema intemporal tornou-se universal. História que se tornou lenda e mito, a Literatura fez deste episódio histórico fonte de constante recriação. Saindo do sossego – se um dia esteve nele – Inês é “ela-a-mais-de-cem”, a “mais de mil”. Mil vezes morre Inês, para mil vezes renascer em esplendor. Se sua glória é tornar-se texto, está, então, concretizada a previsão de Garcia de Resende nas suas *Trovas*. A glória de Inês – o seu galardão – é, a partir da morte, tornar-se motivo de (re)criações literárias.

A primeira estrofe é um prólogo em que Garcia de Resende se dirige às damas, chamando-lhes a atenção para algo que Inês fizera, lhe dera fama:

Senhoras, s'algum senhor  
 vos quiser bem ou sevir,  
 quem tomar tal servidor  
 eu lhe quero descobrir  
 o gualardam do amor  
 Por sua mercê saber  
 o que deve fazer,  
 vej' o o que fez esta dama  
 que de si vos daraa fama,  
 s' estas trovas quereis ler.<sup>47</sup>

As duas estrofes seguintes são falas de Inês de Castro. Estando nos “Infernos de Amor” – o “Inferno dos Namorados” – é por sua voz, por seu testemunho, que a veracidade do que diz é atestada:

– Qual seraa o coraçam  
 tam cru e sem piadade,  
 que lhe nam cause paixam  
 ãa tam gram crueldade  
 e morte tam sem razam?  
 Triste de mim, inocente,  
 que por ter muito fervente  
 lealdade, fee, amor  
 ò Princepe, meu senhor,  
 me mataram cruamente!

A minha desventura,  
 nam contente d'acabar-me,

<sup>47</sup> RESENDE, Garcia. *Cancioneiro Geral*. 4 vols., Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. IV, 1990-1993, p. 301.

por me dar maior tristura  
 me foi pôr em tant'altura  
 para d'alto derribar-me.  
 Que, se me matara alguém  
 Antes de ter tanto bem,  
 Em tais chamas nam ardera,  
 pai, filhos nam conhecera  
 nem me chorara ninguem.<sup>48</sup>

A imagem de Inês é a de uma mulher atormentada. O príncipe a elevava pela lealdade, pela fé e pelo amor devotados, insuficientes, porém, para lhe garantir um lugar no paraíso. Eis o que lhe resta por se ter entregado ao amor: vê-se condenada ao Inferno. Foi justamente este amor que lhe definiu toda a vida: elevou-a a “tant'altura” para fazê-la cair. Não é, no entanto, a morte que provoca o maior lamento de Inês, mas a ausência dos filhos e do amado, cuja perda ela não sabe suportar.

Inês narra a sua própria história, toda ela uma seqüência de desassossegos:

Eu era moça, menina,  
 per nome Dona Ines  
 de Crasto e de tal doutrina  
 e vertudes qu'era dina  
 de meu mal ser ò revés.  
 Vivia sem me lembrar  
 que paixam podia dar  
 nem dá-la ninguem a mim.  
 Foi-m'o Príncipe olhar  
 por seu nojo e minha fim!

Começou-m'a desejar,  
 trabalhou por me servir,  
 Fortuna foi ordenar  
 dous corações conformar  
 a ùa vontade vir.  
 Conheceo-me, conheci-o,  
 quis-me bem e eu a ele,  
 perdeo-me, tambem perdi-o,  
 nunca tee morte foi frio  
 o bem que triste pus nele.

Dei-lhe minha liberdade,  
 nam senti perda de fama,  
 pus nele minha verdade,  
 quis fazer sua vontade  
 sendo mui fremosa dama.

---

<sup>48</sup> RESENDE, Garcia. *Cancioneiro Geral*. 4 vols., Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. IV, 1990-1993, p. 301-302.

Por m'estas obras pagar  
 nunca jamais quis casar,  
 polo qual aconselhado  
 foi El-Rei qu'era forçado,  
 polo seu, de me matar.<sup>49</sup>

Bastou o primeiro encontro do olhar para que o amor se impusesse incontrolável. Esboçava-se a tragédia – o luto e o fim. O desejo do amor, porém, não se esgota – nem mesmo com a morte. Inês se une a Pedro através desse sentimento sempiterno, o Príncipe une-se à sua amada pela saudade. Estando como “princesa servida”, recatada, honrada e querida de seu senhor, Inês gozava alegremente as alegrias de amar. Eis que chegam pelos campos do Mondego muitos cavaleiros – e com eles o rei. A tragédia já se prenunciava: presságios, adivinhações, tristeza e choro:

Como as cousas qu'ham-de ser  
 logo dam no coração,  
 comecei entresticer  
 e comigo soo dizer:  
 – Estes homeens donde iram?  
 E tanto que perguntei,  
 soube logo que era El-Rei.  
 Quando o vim tam apressado,  
 meu coração trespassado  
 foi que nunca mais falei!

E quando vi que decia,  
 sahi à porta da sala;  
 devinhando o que queria  
 com gram choro e cortesia  
 lhe fiz ãa triste fala.  
 Meus filhos pus derredor  
 de mim, com gram homildade,  
 mui cortada de temor  
 lhe disse: – Havei, Senhor,  
 desta triste piadade!<sup>50</sup>

Inês traz seus filhos diante do rei. Se razões de Estado havia, talvez a candura das crianças abrandasse o coração do velho rei. Não eram elas, porém, as crianças, a principal razão para a sua morte de Inês?

<sup>49</sup> RESENDE, Garcia. *Cancioneiro Geral*. 4 vols., Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. IV, 1990-1993, p. 302-303.

<sup>50</sup> RESENDE, Garcia. *Cancioneiro Geral*. 4 vols., Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. IV, 1990-1993, p.303.

Nam possa mais a paixam  
 que o que deveis fazer,  
 metei nisso bem a mam,  
 qu'ee de fraco coraçam  
 seem porquê matar molher.  
 Quanto mais a mim, que dam  
 culpa, nam sendo rezam,  
 por ser mãi dos inocentes  
 qu'ante vós estam presentes,  
 os quaes vossos netos sam.

E têm pouca idade,  
 que, se nam forem criados  
 de mim, soo com saudade  
 e sua gram orfindade  
 morreram desamparados.  
 Olhe bem quanta crueza  
 faraa nisto Voss'Alteza  
 e tambem, Senhor, olhai,  
 pois do Principe sois pai,  
 nam lhe deis tanta tristeza.

Lembre-vos o grandl amor  
 que me vosso filho tem  
 e que sentiraa gram dor  
 morrer-lhe tal servidor  
 por lhe querer grande bem.  
 Que s'algũ erro fizera,  
 fora bem que padecera  
 e qu'estes filhos ficaram  
 orfãaos, tristes, e buscaram  
 quem deles paixam houvera.<sup>51</sup>

O discurso de Inês é todo aflição, apelo ao rei em nome da orfandade dos filhos e do lamentável desgosto de amor do Príncipe. Ela, Inês, a quem dão por culpada sem razão, não desobedecera às forças que regem o Estado. Apenas – e sempre – manteve-se fiel ao seu amado. D. Afonso IV é demovido de querer mandar matá-la, não havia, afinal, culpa alguma no inocente coração de Inês. Diante da brandura do rei, um “cavaleiro desalmado” brada em nome das razões de Estado: a morte de Inês é necessária diante da ameaça de uma guerra contra Castela – a morte de Inês é necessária para que outras mortes não arrasem Portugal.

Encontrando-se em difícil dilema, D. Afonso IV, incapaz de agir, entrega Inês ao seu próprio destino:

---

<sup>51</sup> RESENDE, Garcia. *Cancioneiro Geral*. 4 vols., Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. IV, 1990-1993, p.304.

Dous caveleiros irosos,  
 que tais palavras lh'ouviram,  
 mui crus e nam piadosos,  
 perversos, desamorosos,  
 contra mim rijo se viram.  
 Com as espadas na mam  
 m'atravessaram o o coraçam,  
 a confissam me tolheram.  
 Este é o gualardam  
 que meus amores me deram!<sup>52</sup>

Inês morre. E, na morte, encontra a vida. O poeta reassume a palavra e, voltando-se às damas, demonstra que a morte de Inês foi, na verdade, o seu bem:

Por verdes o gualardam  
 que do amor recebeo,  
 porque por ele morreo,  
 nestas trovas saberam  
 o que ganhou ou perdeo:  
 nam perdeo senam a vida,  
 que podeera ser perdida  
 sem na ninguem conhecer,  
 e ganhou por bem querer  
 ser sua morte tam sentida.<sup>53</sup>

Pelo caráter espiritualizado do galardão – o culto da memória, a permanência como viva recordação – legitima-se o amor de Inês por Pedro. Tendo sido por ele amada, correspondeu-lhe ao amor. E muitos foram os ganhos de tamanha entrega. Este verdadeiro amor...

Guanhou mais que sendo dantes  
 nom mais que fermosa dama,  
 serem seus filhos infantes,  
 seus amores abastantes  
 de deixarem tanta fama.  
 Outra moor honra direi:  
 como o Principe foi rei,  
 sem tardar, mas mui asinha,  
 a fez alçar por rainha,  
 sendo morta o fez por lei.

Os principais reis d'Espanha  
 de Portugal e Castela  
 e Emperador d'Alemanha

<sup>52</sup> RESENDE, Garcia. *Cancioneiro Geral*. 4 vols., Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. IV, 1990-1993, p.307.

<sup>53</sup> RESENDE, Garcia. *Cancioneiro Geral*. 4 vols., Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. IV, 1990-1993, p.308.

olhai, que honra tamanha,  
 que todos decendem dela.  
 Rei de Napoles tambem,  
 Duque de Bregonha, a quem  
 todo França medo havia  
 e em campo El-Rei vencia,  
 todos estes dela vem.<sup>54</sup>

Legitimando Inês como sua mulher, D. Pedro, assim que ascende ao trono, faz da amada a sua rainha. Rainha de Portugal. Tudo culminado na pedra dos túmulos, testemunha fidedigna de um amor que tem encantado corações.

Em todos seus testamentos  
 a decrarou por molher  
 e por s' isto melhor crer  
 fez dous ricos moimentos  
 em qu'ambos vereis jazer:  
 rei, rainha, coroados,  
 mui juntos, nam apartados,  
 no cruzeiro d' Alcobaça.  
 Quem poder fazer bem faça,  
 pois por bem se dam tais grados.<sup>55</sup>

A tragédia da morte de Inês encontra na pena de artistas a garantia de uma fecunda permanência e perpetuação, possibilitando a atualização do tema e sua permanente revisitação. A força do discurso literário é capaz de construir muitas Ineses. Exemplo ímpar da leitura do episódio inesiano é a realizada por Luís de Camões n' *Os Lusíadas*, que marca o início de um legado literário do qual muitos ficcionistas não abririam mão.

Traduzindo um dos temas mais freqüentes dos versos camonianos – os males causados pelo amor –, sendo ao mesmo tempo uma passagem histórica e lírica, a microssequência<sup>56</sup> narrativa de Inês de Castro ocupa as estâncias 118 a

<sup>54</sup> RESENDE, Garcia. *Cancioneiro Geral*. 4 vols., Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. IV, 1990-1993, p.308.

<sup>55</sup> RESENDE, Garcia. *Cancioneiro Geral*. 4 vols., Lisboa: imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. IV, 1990-1993, p.309.

<sup>56</sup> De acordo com Cleonice Berardinelli, os versos camonianos que se referem a algumas das grandes passagens d' *Os Lusíadas* – Inês de Castro e o Gigante Adamastor, por exemplo – não constituem episódios, mas microssequências narrativas. Vejamos o que diz a professora: “[...] tal palavra [episódio] (do grego *episodesion*, “o que vem de fora”) designa uma ação incidente, ligada à ação principal, algo que não se poderia incluir nas funções cardinais, consecutivas e conseqüentes, de que fala Barthes, e que abrem sempre uma alternativa, possibilitando a opção por um de dois caminhos.” (Cf. BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camonianos*. 2. ed.rev.ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 73-74). O texto de Roland Barthes a que se refere Cleonice Berardinelli está em “Introduction à l’analyse structurelle des récits”. In. *Communications* 98. Paris: Seuil, p.10)

135 do Canto III d' *Os Lusíadas*. Camões insere a passagem no contexto da narrativa da História de Portugal. É Vasco da Gama, pois, que narra “o caso triste e dino da memória / que do sepulcro os homens desenterra”.

Inês é a “mísera e mesquinha / que depois de ser morta foi rainha”, epíteto que a coloca “no alto plano mítico que a lenda pretendia – elevando esse plano a parte integrante de uma estruturação épica do mundo”<sup>57</sup>. Se a amante de D. Pedro cometeu algum pecado, foi o de muito amar. E o Amor – o deus Amor – foi o responsável por sua morte. Feroz deidade, não se satisfaz com lágrimas e com tristeza. Em vez disso, exige sacrifício humano, sangue humano em seus altares – é uma força devastadora para os corações humanos:

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Deste causa à molesta morte sua,  
Como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
Nem com lágrimas tristes se mitiga,  
É porque queres, áspero e tirano,  
Tuas aras banhar em sangue humano.<sup>58</sup>

Uma das mais belas passagens das leituras do episódio inesiano é justamente aquela que faz Inês e Pedro, na ausência um do outro, encontrarem-se pela saudade. Ao evocar Inês de Castro, Camões cria uma atmosfera de simpatia e piedade para com a amada do Infante, traçando com singular sensibilidade a imagem de uma ilusória felicidade e da sua brevidade.

Estavas, linda Inês, posta em sossego,  
De teus anos colhendo doce fruto,  
Naquele engano da alma, ledó e cego,  
Que a Fortuna não deixa durar muito,  
Nos saüdosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
Aos montes ensinando e às ervinhas  
O nome que no peito escrito tinhas.

Do teu Príncipe ali te respondiam  
As lembranças que na alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus fermosos se apartavam;  
De noite, em doces sonhos que mentiam,  
De dia, em pensamentos que voavam;

<sup>57</sup> SENA, Jorge de. *Estudos de História e Cultura*. Lisboa: Revista Ocidente, 1963, p.597.

<sup>58</sup> CAMÕES, Luís de. “Os Lusíadas”. In. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003 (III, 119).

E quanto, enfim, cuidava e quanto via  
Eram tudo memórias de alegria.<sup>59</sup>

Inês, “posta em sossego”, esperava saudosa o amado Pedro, cujo nome guardava no peito apaixonado, repetindo-o “aos montes e às ervinhas”. A narrativa é centrada em Inês – a quem se dirige o poeta – embora este narrador onisciente saiba que, na alma de Pedro, também moram as lembranças dela, sabe ainda que, distantes do olhar, aproximava-se pela recordação, o que lhes permitia conversar nos dias de ausência, em forma de pensamentos e sonhos. Em “sonhos que mentiam” e em “pensamentos que voavam” os dois amantes sempre estavam um com o outro. Seja nos involuntários sonhos “que mentiam”, pois só no imaginário existem, ou nos – muitas vezes – voluntários pensamentos, a felicidade os guardava, já que tudo quanto faziam ou viam os deixava repletos de alegria, trazendo ao coração de cada um a imagem e o nome um do outro. É interessante notar que, nessa passagem, amador e amada se confundem, já que os versos que se reportam a um também se reportam à outra. Inês e Pedro assim viviam o seu idílio.

O príncipe D. Pedro recusara-se a casar com quaisquer “outras belas senhoras e Princesas”, pois seu coração a Inês apenas pertencia. “O velho pai sesudo, que respeita / O murmurar do povo e a fantasia / Do filho, que casar-se não queria”, decide matar a bela Inês, acreditando que apenas o sangue e a morte apaziguariam a chama de amor que une o casal.

Os “horíficos algozes” trazem Inês perante o rei, que já estava compadecido e arrependido. “Mas o povo, com falsas e ferozes / Razões, a morte crua o persuade”. Inês de Castro, de mãos atadas, eleva os olhos para o céu e em seguida volta seu olhar para os filhos. Com a voz cheia de mágoa, diante dos assassinos, e chorando mais pela saudade do Príncipe e dos filhos do que pela própria vida, Inês suplica ao rei que a deixe viver.

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito  
(Se de humano é matar ãa donzela,  
Frac e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la),  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens á morte escura dela;

<sup>59</sup> CAMÕES, Luís de. “Os Lusíadas”. In. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003 (III, 120-121).

Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha

E se, vencendo a Maura resistência,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe também dar vida, com clemência,  
A quem perdê-la não fez erro.  
Mas, se to assi merece esta inocência,  
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,  
Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,  
Onde em lágrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre liões e tigres e verei  
Se neles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achei.  
Ali, co amor intrínseco e vontade  
Naquele por quem mouro, criarei  
Estas relíquias suas que aqui viste,  
Que refrigério sejam da mãe triste<sup>60</sup>

É humano assassinar uma mulher simplesmente porque ela ama o homem que a conquistou? É pecado deixar-se vencer pela força do amor? Inês, agarrando-se aos seus filhos, apela à humanidade e à piedade do rei, lembrando que até mesmo as “brutas feras” tiveram compaixão das crianças indefesas: assim foi “coa mãe de Nino”, Semíramis, a quem as aves de rapina alimentaram e “cos irmãos que Roma edificaram” – Rômulo e Remo – alimentados por uma loba. Preferindo o exílio à morte, Inês suplica que a desterrem para a “cítia fria” ou “Líbia ardente” – dois extremos – e a coloquem entre as feras, onde encontraria a piedade que não há entre os homens. As palavras da bela dama tocam Afonso IV. “Quereria perdoar-lhe o Rei benino,[...] / Mas o pertinaz povo e seu destino / (Que desta sorte o quis) lhe não perdoam”. Dominados por um ódio profundo, os algozes de Inês investem contra a frágil dama.

Tais contra Inês os brutos matadores,  
No colo de alabastro, que sustinha  
As obras com que Amor matou de amores  
Aquele que depois a fez Rainha,  
As espadas banhando, e as brancas flores,  
Que ela dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, fêrvidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.<sup>61</sup>

<sup>60</sup> CAMÕES, Luís de. “Os Lusíadas”. In. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003 (III, 127-129).

<sup>61</sup> CAMÕES, Luís de. “Os Lusíadas”. In. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003 (III, 132).

Nestes versos opõem-se duas imagens: a da fragilidade da vítima e a dos “férvidos e irosos” matadores. Inês é aquela que ama com o mais puro amor, a que morre só por ter “sujeito o coração a quem soube vencê-la”. O poeta iguala Inês e o amor – note-se o tratamento “tu” para ambos – como se fosse ela, Inês, o próprio amor. Além disso, vale-se do adjetivo “fero” para aqueles que a mataram e para o deus Amor: não seriam, então, os algozes de Inês instrumentos do próprio Cupido para que a amante de Pedro fosse morta? É, pois, a força crua do Amor a causa essencial da tragédia:

Assi como a bonina, que cortada  
 Antes do tempo foi, cândida e bela,  
 Sendo das mãos lascivas maltratada  
 Da minina que a trouxe na capela,  
 O cheiro traz perdido e a cor murchada:  
 Tal está, morta, a pálida donzela,  
 Secas do rosto as rosas e perdida  
 A branca e viva cor, co a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura  
 Longo tempo chorando memoraram,  
 E, por memória eterna, em fonte pura  
 As lágrimas choradas transformaram.  
 O nome lhe puseram, que inda dura,  
 Dos amores de Inês, que ali passaram.  
 Vede que fresca fonte rega as flores,  
 Que lágrimas são a água e o nome Amores!<sup>62</sup>

Tal como uma flor silvestre murcha e morre quando colhida, Inês está sem perfume e sem cor, morta, com as rosas do rosto secas, sem rubor. As ninfas, “filhas do Mondego”, tiveram suas lágrimas transformadas em uma fonte, que passou a se chamar “Fonte dos Amores”, em memória da dama galega, feita Rainha após a morte. Lágrimas de amor que dão vida às flores e que se convertem na mais alta poesia.

Camões, com seu saber de platonismos feito, num dos inigualáveis momentos líricos de sua epopéia, ao focalizar a lenda sobre a “fonte dos amores”, pôde iluminar o rosto de Eros, no episódio de Inês de Castro. O nome da fonte – Amores –, conjuga-se com memória e com poesia. O épico admite que a “memória eterna” se constrói na e pela intermediação discursiva, pois é a textualização das “lágrimas

<sup>62</sup> CAMÕES, Luís de. “Os Lusíadas”. In. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003 (III, 134-135)

choradas”, isto é, dos dissabores amorosos, que se transforma na “fonte pura” de novos discursos sobre os amores de Inês.<sup>63</sup>

A luz lançada sobre o episódio de Inês de Castro iluminou os versos de muitos outros poetas. Seguindo os passos camonianos, Manuel Maria du Bocage, com lirismo árcade na “Cantata à morte de D. Inês de Castro”, mantém a tonalidade fundamentalmente narrativa do episódio. A estética descritiva utilizada em seus versos assemelha-se a de Camões n’ *Os Lusíadas*. Mesmo as imagens criadas – o sossego de Inês, a ilusória felicidade, os saudosos campos do Mondego – encontram paralelo na leitura de Bocage.

É o que podemos ler nos primeiros versos da “Cantata”:

Longe do caro Esposo Inês formosa,  
 Na margem do Mondego,  
 As amorosas faces aljofrava  
 De mavioso pranto.  
 Os melindrosos, cândidos penhores  
 No tálamo furtivo,  
 Os filhinhos gentis, imagem dela,  
 No regaço da mãe sereno gozam  
 O sono da inocência.  
 Coro subtil de alígeros Favónios,  
 Que os ares embrandece,  
 Ora enlevado afaga  
 Com as plumas azuis o par mimoso,  
 Ora, solto, inquieto,  
 Em leda travessura, em doce brinco  
 Pela amante saudosa,  
 Pelos tenros meninos se reparte,  
 E com ténue murmúrio vai prender-se  
 Das áureas tranças dos anéis brilhantes.  
 Primavera louçã, quadra macia  
 De ternura e das flores,  
 Que à bela natureza o seio esmaltas,  
 Que no prazer de amor ao mundo apuras  
 O prazer da existência,  
 Tu de Inês lacrimosa  
 As mágoas não distrais com teus encantos!<sup>64</sup>

Inês está a colher os doces frutos da juventude, preenchida pelas recordações que tem de seu amado. A companhia dos filhos, que estão a dormir

<sup>63</sup> ALVES, Maria Theresa Abelha Alves. “Inês de Portugal: mito, tela, texto – a viagem de uma narrativa”. In. *Revista Semear* 7. Petrópolis: Vozes, 2002. p.162-163

<sup>64</sup> BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. “Cantata à morte de D. Inês de Castro”. In. *Antologia Poética*. 3. ed. MOURÃO, Maria Antónia; NUNES, Maria Fernanda (org.). Braga: Biblioteca Ulisseia, 1998, p.165.

no colo da mãe o sono da inocência, minora o que poderia ser o desespero da ausência. Os amantes mantêm-se unidos pela saudade, sentimento que os aproxima, que lhes dá vida. O coro dos ventos sopra, ameno. Nada, porém, é consolação. Nada é capaz de preencher o coração de Inês, toda saudade pela ausência do amado – ausência da plena felicidade. E, por isso, tudo é vão.

Debalde o rouxinol, cantor de amores,  
 Nos versos naturais os sons varia;  
 O límpido Mondego em vão serpeia  
 Co'um benigno sussurro, entre boninas  
 De lustroso matiz, almo perfume;  
 Em vão se doira o sol de luz mais viva  
 Os céus de mais pureza em vão se adornam  
 Por divertir-te, ó Castro;  
 Objectos de alegria amor enjoam  
 Se amor é desgraçado.  
 A meiga voz dos zephyros, do rio,  
 Não te convida o sono;  
 Só de já fatigada  
 Na luta de amargos pensamentos,  
 Cerras, mísera, os olhos;  
 Mas não há para ti, para os amantes,  
 Sono plácido e mudo;  
 Não dorme a fantasia, amor não dorme;  
 Ou gratas ilusões, ou negros sonhos,  
 Assomando na ideia, espertam, rompem  
 O silêncio da morte.<sup>65</sup>

Uma visão toma conta de Inês. Ela, adornada em beleza, coroada ao lado de Pedro, reinando com o marido e amante por todo Portugal. Tudo é graça e pompa e glória. O clamor do povo, as dádivas ao justo. Inês, de perseguida, impera em corações:

Ah! Que fausta visão de Inês de apossa!  
 Que cena, que espetáculo assombroso  
 A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!  
 Em marmóreo salão de altas colunas  
 A sólio majestoso e rutilante  
 Junto ao régio amator se crê subida;  
 Graça de neve a púrpura lhe envolve,  
 Pende augusto docel do tecto de ouro;  
 Rico diadema de radioso esmalte  
 Lhe cobre as tranças, mais formosas que ele;

<sup>65</sup> BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. “Cantata à morte de D. Inês de Castro”. In. *Antologia Poética*. 3. ed. MOURÃO, Maria Antónia; NUNES, Maria Fernanda (org.). Braga: Biblioteca Ulisseia, 1998, p.165-166.

Nos luzentes degraus do trono excelso  
 Pomposos cortesãos o orgulho acurvam;  
 A lisonja sagaz lhe adoça os lábios,  
 O monstro da política se aterra,  
 E se de Inês perseguia, Inês adora.  
 Ela escuta os extremos,  
 Os vivos populares, vê o amante  
 Nos olhos estudar-lhe as leis que dita;  
 O prazer a transporta, amor a encanta;  
 Prémios, dádivas mil ao justo, ao sábio  
 Magnânimo confere,  
 Rainha esquece o que sofreu vassala<sup>66</sup>

A “fausta visão” que de Inês se apossara é cruamente interrompida: “Que estrondo / O sonho encantador lhes desvanece!”. Despertando do sonho encantador”, Inês é tomada pela visão da morte, na figura de “três vis algozes”, que buídos de punhais “conta a bela infeliz bramindo avançam”.

Ela grita, ela treme, ela descora,  
 Os frutos da ternura ao seio aberta,  
 Invocando a piedade, os céus, o amante:  
 Mas de mármore aos ais, de bronze ao pranto,  
 À suave atracção da formosura,  
 Vós, brutos assassinos,  
 No peito lhe enterrais os ímpios ferros.  
 Cabe nas sombras da morte  
 A vítima de amor, lavada em sangue,  
 As rosas, os jasmims da face amena  
 Para sempre desbotam,  
 Nos olhos se lhe some o doce lume,  
 E no fatal momento  
 Balbucia, arquejando: “esposo, esposo!”<sup>67</sup>

Bocage recorre à consagrada visão de Inês como a da frágil dama que, indefesa, tem o seu sangue derramado pelas razões de Estado e pelas razões do coração. Os filhos, “os tristes inocentes / à triste mãe se abraçam, / E soltam de agonia inútil choro”. Inês, a do colo de garça – Inês, a do rubro peito de murcha flor. Não há clemência, não há desterro. Há a feroz morte de uma inocente – Inês, “vítima de amor, lavado em sangue”.

<sup>66</sup> BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. “Cantata à morte de D. Inês de Castro”. In. *Antologia Poética*. 3. ed. MOURÃO, Maria Antónia; NUNES, Maria Fernanda (org.). Braga: Biblioteca Ulisseia, 1998, p.166.

<sup>67</sup> BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. “Cantata à morte de D. Inês de Castro”. In. *Antologia Poética*. 3. ed. MOURÃO, Maria Antónia; NUNES, Maria Fernanda (org.). Braga: Biblioteca Ulisseia, 1998, p.167.

Nas cem tubas da fama o grão desastre  
 Irá pelo universo:  
 Hão-de chorar-te, Inês, na Hircânia os tigres;  
 No sertão torrado da Líbia fera  
 As serpes, os leões hão-de chorar-te.  
 Do Mondego, que atónito recua,  
 Do sentido Mondego as alvas filhas  
 Em tropel doloroso  
 Das urnas de cristal eis vêm surgindo,  
 Eis, atentas no horror do caso infando,  
 Terríveis maldições dos lábio vibram  
 Aos monstros infernais, que vão fugindo.  
 Já c'roam de cipreste a malfadada,  
 E, arrepelando as nítidas madeixas,  
 Lhe urdem saudosas, lúgubres endeixas.  
 Tu, eco, as decoraste,  
 E, cortadas dos ais, assim ressoam  
 Nos côncavos penedos que magoam:

Toldam-se os ares,  
 Murcham-se as flores:  
 Morrei, amores,  
 Que Inês morreu.

Mísero esposo,  
 Desata o pranto,  
 Que o teu encanto  
 Já não é teu.

Sua alma pura  
 Nos céus se encerra:  
 Triste da terra  
 Porque a perdeu!

Contra a cruel  
 Raiva ferina,  
 Face divina  
 Não lhe valeu.

Tem roto o seio  
 Tesouro oculto;  
 Bárbaro insulto  
 Se lhe atreveu.

De dor e espanto  
 No carro de ouro  
 O Númen louro  
 Desfaleceu.

Aves sinistras  
 Aqui piaram,  
 Lobos uivaram,  
 O chão tremeu.

Toldam-se os ares,

Murcham-se as flores:  
Morrei, amores,  
Que Inês morreu.<sup>68</sup>

A morte de Inês faz murchar flores, morrer amores. Porque aquela que é o símbolo máximo do Amor está morta. O Poeta pede a Eco que decore as tristes endeixas cantadas pelas ninfas do Mondego. Canto que, significando qualquer coisa de irreversível, lembra-nos o velho refrão “agora é tarde, Inês é morta”. A força poética (re)criando Inês. O grande êxito do poema cabe, sobretudo, na força dramática – mais que lírica – de Inês que

despertada pelos ‘ministros do furor, três vis algozes’, de um sonho que, embora lúgubre, termina com a glorificação que de facto ela já não veria, é massacrada num quadro que o poeta descreve minuciosamente, incluindo a desorientação das crianças, sempre um elemento de piedade.<sup>69</sup>

Inês vive eterna no canto dos poetas. Não lhe bastara o fino amor vivido. Foi preciso muito mais. Foi preciso a sua morte ser sentida, chorada, cantada. Perpetuada. Isto deu o Amor á Inês. O prêmio da eternidade. É a permanência de Inês, sempre ditada. A lira do poeta parece ser a de Orfeu: todos param para escutá-la. Todos com ela se encantam. Um som doce e elevado. Assim o é no soneto “À lamentável catástrofe de Inês de Castro”:

Da triste, bela Inês, inda os clamores  
Andas, Eco chorosa, repetindo;  
Inda aos piedosos Céus andas pedindo  
Justiça contra os ímpios matadores;

Ouvem-se inda na Fonte dos Amores  
De quando em quando as náíades carpindo;  
E o Mondego, no caso reflectindo,  
Rompe irado a barreira, alaga as flores:

Inda altos hinos o universo entoa  
A Pedro, que da morta formosura  
Convosco, Amores, ao sepulcro voa:

Milagre da beleza, e da ternura!  
Abre, desce, olha, geme, abraça e c’roa

<sup>68</sup> BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. "Cantata à morte de D. Inês de Castro". In. *Antologia Poética*. 3. ed. MOURÃO, Maria Antónia; NUNES, Maria Fernanda (org.). Braga: Biblioteca Ulisseia, 1998, p.168-169.

<sup>69</sup> SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro: um tema português na Europa*. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 306.

A malfadada Inês na sepultura.<sup>70</sup>

Dois tons predominam no soneto: o da desgraça de Inês – se na “Cantata” coube a Eco repetir seus clamores, agora clama por justiça, e todo o universo entoia altos hinos de amor – e o da grandeza da ação de Pedro em uma gradação, que termina com a coroação póstuma de Inês, lenda tornada cara pela Literatura: “Abre, desce, olha, geme, abraça e c’roa”. Verso que reforça a permanência da versão de que Inês foi uma póstuma Rainha. Se em Camões temos Inês como aquela que “despois de morta foi Rainha”, em uma alusão maior ao sepulcro de Alcobaça do que, cremos, às lendas, o texto de Bocage ultrapassa essa idéia: D. Pedro agarra-se ao corpo da amada e busca reverter a morte dela em vida. Entre o humano e o divino, Inês é o “milagre da beleza e da ternura”. A “malfadada”, mas sempre bela, linda Inês.

Atravessando épocas, encontramos no século XX poetas que, como Garcia de Resende, Luís de Camões e Bocage, encontram nesses amores doce canto de saudade. Um destes é Afonso Lopes Vieira, aquele que mais cantou Inês<sup>71</sup>. Destacamos um de seus poemas – “Formosa Inês” – do livro de versos *Ilhas de Bruma* (1917):

Choram ainda a tua morte escura  
Aqueles que chorando a memoraram;  
As lágrimas choradas não secaram  
Nos saudosos campos da ternura.

Santa entre as santas pela má ventura,  
Rainha, mais que todas que reinaram;  
Amada, os teus amores não passaram  
E és sempre bela e viva e loira e pura.

Ó Linda, sonha aí, posta em sossego  
No teu moimento de alva pedra fina,  
Como outrora na Fonte do Mondego.

Dorme, sombra de graça e de saudade,  
Colo de Garça, amor, moça menina,  
Bem-amada por toda a Eternidade!<sup>72</sup>

<sup>70</sup> BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. “Soneto à lamentável catástrofe de de D. Inês de Castro”. In. *Antologia Poética*. 3. ed. MOURÃO, Maria Antónia; NUNES, Maria Fernanda (org.). Braga: Biblioteca Ulisseia, 1998, p.106-107.

<sup>71</sup> Cf. SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Antologia Poética Inês de Castro*. Coimbra: ACD Editores, 2005, p.7.

<sup>72</sup> VIEIRA, Afonso Lopes. “Formosa Inês”. In. SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Antologia Poética Inês de Castro*. Coimbra: ACD Editores, 2005, p.108.

É bem marcante a presença camoniana nos versos de Afonso Lopes Vieira. O poeta evoca imagens da beleza, dos amores e da morte daquela que é a “Santa entre as santas” e “Rainha, mais que todas que reinaram”. Um outro soneto, este de Virgínia Vitorino, retoma os túmulos de Pedro e Inês, e o repouso dos amantes. Apenas depois da morte podem-se amar livremente, sem os grilhões sociais – longe das razões que governam o Estado. O poema respira certa atmosfera romântica, havendo, sobretudo, a valorização do amor que persiste, que permanece após a morte:

Repousaram enfim. Sonham agora  
Aquele grande sonho interrompido.  
– O maior sonho que se tem vivido,  
Sonho que julga – em cada nova aurora! –

Beijam-se os dois amantes hora a hora.  
E no grande sossego apeteçido,  
Murmuram ambos eles num gemido;  
“Só é perfeito, imenso, o amor que chora!”

Inês, oh! linda Inês! “garça real”,  
Que para um bem sofreste tanto mal!  
Dorme, dorme o teu sono tão profundo.

O teu Pedro te embala, nesse Amor  
Que há-de ter sempre o nome de maior!  
Que há-de ser novo – “Até ao fim do mundo”... – <sup>73</sup>

Nos *Poemas Ibéricos*, publicados em 1982, Miguel Torga publica “Inês de Castro”, cujos versos apontam para o aspecto da permanência do canto de celebração ao amor de Pedro e Inês, uma vez consumado e sempre repetido. A legenda tumular – Até a fim do mundo – faz-se, de certa forma, presente. Há a anunciação da volta dos amantes. Há a expectativa do dia em que hão-de se levantar de suas sepulturas e concretizar a “profecia”:

Acordar...  
Erguer a lousa sem D. Pedro ouvir...  
E dizer às donzelas que o luar  
É o aceno do noivo que há-de vir...

E que, na morte, o amor

<sup>73</sup> VITORINO, Virgínia. “Soneto”. In. SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Antologia Poética Inês de Castro*. Coimbra: ACD Editores, 2005, p.123.

Se levanta e caminha.  
Que é um outro sol a ser outro calor,  
Outra mulher amada a ser rainha.

E que não sou Constança ou Mariana,  
Porque o meu nome verdadeiro é Inês,  
Que sou a Julieta castelhana  
Do Romeu português.<sup>74</sup>

O século XX mostrou-se, enfim, terreno fértil no que diz respeito à lírica inesiana. Muitos textos, certamente, não contemplam nosso estudo. De três deles, aliás, falaremos mais adiante, em momento que julgamos mais propício: um soneto de Virgínia Vitorino, “Eterno Amor”; “Meditação de Pedro o Cru ante o corpo de Inês de Castro”, de João Mattos e Silva; “Inês de Manto”, de Fiamma Hasse Pais Brandão. Encerramos nossa pequena mostra com um poema de Nuno Júdice, “Pedro, lembrando Inês”:

Em quem pensar agora, senão em ti? Tu, que  
me esvaziaste de coisas incertas, e trouxeste a  
manhã da minha noite. É verdade que te podia  
dizer: “Como é mais fácil deixar que as coisas  
não mudem, sermos o que sempre fomos, mudarmos  
apenas dentro de nós próprios?” mas ensinaste-me  
a sermos dois; e a ser contigo aquilo que sou,  
até sermos um apenas no amor que nos une,  
contra a solidão que nos divide. Mas isto é o amor;  
ver-te mesmo quando não te vejo, ouvir a tua  
voz que abre as fontes de todos os rios, mesmo  
esse que mal corria quando por ele passámos,  
subindo a margem em que descobri o sentido  
de irmos contra o tempo, para ganhar o tempo  
que o tempo nos rouba. Como gosto, meu amor,  
de chegar antes de ti para te ver chegar: com  
a surpresa dos teus cabelos, e o teu rosto de água  
fresca que eu bebo, com esta sede que não passa. Tu:  
a primavera luminosa da minha expectativa,  
a mais certa certeza de que gosto de ti, como  
gostas de mim, até ao fim do mundo que me deste.<sup>75</sup>

Repleto de palavras singelas e de extrema profundidade, *Pedro, lembrando Inês* é o galardão de todos aqueles que se encantam, que se deixam apaixonar por esta triste história de amor. Como Nuno Júdice. O poeta empresta a sua voz ao

<sup>74</sup> TORGA, Miguel. “Inês de Castro”. In. *Alguns poemas Ibéricos*. Coimbra: 1952, p.18-19.

<sup>75</sup> JÚDICE, Nuno. “Pedro, lembrando Inês”. In. SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Antologia Poética Inês de Castro*. Coimbra: ACD Editores, 2005, p.129.

amante., ao mesmo tempo em que dela se apropria para a transformar na palavra que se faz poética. D. Pedro é cada um daqueles amantes que aguardam, ansiosos, o encontro com a amada. Um poema cuja poesia é encontro e rendição, regresso ao coração, diálogo com a ausência. Visão e epifania. Unidade sagrada pelo mais terno dos sentimentos: o amor realizado na saudade, como o de Pedro e Inês.

## 4.2 O manto de amor, o reino da Saudade

Aplicando-se em defender o plano espiritual da saudade, afirma Teixeira de Pascoaes:

O homem só vê nitidamente o que perdeu; só possui em absoluto o que perdeu. E por isso, as trevas da morte revelam melhor a pessoa amada que todo o sol que a iluminou durante a vida! A morte roubou-lhe o que é efêmero e transitório, a aparência, mas a Saudade revelou-lhe a eterna aparição, a sua pessoa integral e essencial. A sombra da Morte que nos esconde, esvai-se ante a Saudade que nos mostra.<sup>76</sup>

O postulado de Pascoaes coincide com o que acontece com D. Pedro quando morre Inês de Castro. Lima de Freitas, em duas de suas composições plásticas, ilustra bem tal leitura. Em uma delas – *Ate a fim do mundo* – o artista retrata uma Inês que é, ao mesmo tempo, vida e morte. Uma possível interpretação é justamente a da efemeridade e transitoriedade da aparência pela ação da morte e do tempo. Pedro e Inês estão a se olhar na linguagem do silêncio, a única que, comenta Walter Benjamin, corresponde ao herói trágico:

Ao ficar em silêncio, o herói quebra as pontes que o ligam ao deus e ao mundo, ergue-se e sai do domínio da personalidade que se define e se individualiza no discurso intersubjectivo, para entrar na gélida solidão de Si-mesmo. Este nada conhece fora de si, é a pura solidão. Como há-de ele dar expressão a esta solidão, a esta intransigente obstinação consigo próprio, a não ser calando-se?<sup>77</sup>

Em outra obra – *A que depois de morta foi Rainha* – Lima de Freitas reproduz a imagem de uma Inês morta, entronada e coroada. Uma estranha luz está a iluminar-lhe a face e é justamente essa luminosidade que atrai os olhos do rei. D. Pedro está a contemplar Inês de Castro, na ânsia de encontrar no rosto iluminado da amada qualquer sinal de vida. O cadáver de Inês, entretanto, o seu

<sup>76</sup> PASCOAES, Teixeira de. *Os poetas lusíadas*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p.75.

<sup>77</sup> BENJAMIN, Walter. *A origem do drama trágico alemão*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004, p.286.

corpo em decomposição, longe da luz de sua face, denuncia uma outra forma de olhar: ambigualmente, ao mesmo tempo em que busca a reversibilidade, parece sabê-la irreversível. Nada tem o poder de parar – ou mesmo reverter – o tempo.

Destacamos duas composições poéticas do século XX que trazem aspectos do modo como D. Pedro encara – ou, melhor, enfrenta – a morte de sua amada: Vamos ao primeiro deles: “Eterno Amor”, de Virgínia Vitorino

Pedro, o grande amoroso, o eterno amante,  
Aos pés d’ Inês, sozinho e triste diz:  
Fez-me Cruel o muito que te quis,  
e acho ainda que não te quis bastante.

Não me viste morrer. Partiste adiante  
nem me viste chorar; foste feliz.  
Subiste ao céu – formosa flor de liz,  
sempre tão perto, embora tão distante!

O leito que te dei não te merece.  
Devia tê-lo feito de uma prece,  
De saudades, de rendas, ou luar...

Vai-me esperando. – A expiação redime. –  
tenho na vida a expiação dum crime.  
– O Santíssimo crime de te amar.<sup>78</sup>

O encontro dos amantes está para além de um plano físico. Metafísico, talvez. Certo apenas tratar-se de um plano em que todo o afastamento é ultrapassado. O encontro dos amantes está para além do repouso tumular. O leito em que dorme Inês quer ser, para Pedro, mais do que pedra: é sonho de eternidade. A saudade é uma prece que permite ao Rei comungar com sua Rainha. Porque de saudade é feito este amor que os une.

Igualmente belo é o poema “Meditação de Pedro o Cru ante o corpo de Inês de Castro”, de João Mattos e Silva:

Nunca mais te verei.  
nem minhas noites serão  
como marés no teu corpo;  
nem meus dias como o vento  
em teus cabelos.

Nem nos teus olhos  
se hão-de perder os meus;  
nem no teu colo repousarei

<sup>78</sup> VITORINO, Virgínia. “Eterno Amor”. In. SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Antologia Poética Inês de Castro*. Coimbra: ACD Editores, 2005, p.97.

meus sonhos e desejos;  
nem mais por ti  
hei-de buscar meu graal.

Senhor tão só de mim  
que não da vida  
destes reinos inda que morta  
és a rainha: Inês de Portugal.<sup>79</sup>

Este meditar de D. Pedro é, também, um lamento e uma despedida – despede-se da amada e despede-se de si mesmo. É um hino e um louvor ao mais alto amor, em que o amado anseia por novamente estar junto daquela que é substância de sua própria alma. Cessada a busca do Graal, cessada a busca da própria vida. Não há mais vida, afinal, a não ser daquela que é póstuma: Inês, como as lendas consagraram, Rainha de Portugal.

Respirando de uma atmosfera saudosista, o drama simbolista *Pedro, o Cru* (1918) de António Patrício capta as discussões filosóficas sobre a saudade. Ressalte-se, porém, que Patrício vai além do raciocínio espiritualizado para descrevê-la. A Saudade surge com força desmedida; o que o Pedro de Patrício busca não é simplesmente a "imagem espiritual e eterna das cousas", mas a ressurreição da carne.

Em uma das passagens da peça, ansiando por entrar em contato com a amada, em vê-la, tocá-la, senti-la, enfim, para desenterrá-la do esquecimento e coroá-la Rainha de Portugal, D. Pedro penetra no mosteiro de Santa Clara e dirige-se à abadessa:

Não sou eu que vos venho perturbar. É a saudade que me traz, é ela só [...] A minha Saudade é uma hiena; vem desenterrar o meu amor... Onde está ele? Onde me espera a que será vossa Rainha?<sup>80</sup>

A leitura de Patrício aproxima-se daquelas de Lima de Freitas. Tal como a hiena se alimenta de carne em decomposição, a Saudade do rei encontra no cadáver de sua amada o alimento que lhe dá vida. Gilbert Durand sintetiza os mitos portugueses em quatro linhas, a que chamou “mitologemas”<sup>81</sup>. Destaca uma

<sup>79</sup> MATTOS E SILVA, João. “Meditação de Pedro, o cru ante o corpo de Inês de Castro”. In: SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Antologia Poética Inês de Castro*. Coimbra: ACD Editores, 2005, p.116.

<sup>80</sup> PATRÍCIO, António. “Pedro, o Cru”: In: *Teatro Completo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p.112.

<sup>81</sup> Cf. DURAND, Gilbert. *Imagens e reflexos do imaginário português*. Lisboa: Hugin, 2000.

ligada à *nostalgia do impossível*, da qual Pedro e Inês são representantes máximos. Quando Pedro se agarra ao corpo da amada – corpo sem vida – agarra-se a uma impossibilidade. Para Pedro, entretanto, não é ao cadáver de Inês – não é a um simulacro – que ele se agarra, mas à própria Inês. O corpo morto de Inês é ainda para D. Pedro a própria Inês. O que ele enxerga – ou quer enxergar – não é o corpo em decomposição, mas a luz que ilumina o rosto da amada. Como em Lima de Freitas, o olhar de Pedro é volta-se diretamente para os olhos de Inês, desconsiderando tudo que foge a esse foco.

A experiência da morte e a desilusão amorosa têm, para Pedro, o mesmo valor. A vida de Inês é a sua vida. A morte da amada, a sua própria morte. O amor passa a ser, então, um exercício de alteridade: é um reconhecer-se no outro, é *ser no outro*.

– É a nossa hora, Inês... Estamos sozinhos. Estás bem assim!? Tu ouvés-me dormindo. Eu fico aqui, à tua cabeceira. Não bulas, meu amor, dorme assim queda – como a tua estátua ali, sobre o teu túmulo... Esta á a Casa de Deus. Deus está connosco. Ouves os sinos repicar!?!... Toca a noivado. As nossas bodas agora – são eternas. Sinto na minha alma a tua alma – como a água d’uma fonte n’outra fonte, como a luz na luz e deus em Deus... Sinto-te tanto, que te perco em mim. Aqui me tens, Inês: sou o teu Pedro. O que ele tem, o que ele tem pr’a te contar!... Eu bem sei que tu sabes...sabes tudo. Os teus ouvidos, na Morte, ouvem melhor. Ouviram o desespero do teu Pedro – uma noite de pedra sobre esta alma – ouviram as suas lágrimas caladas: ouviram toda, toda a sua dor. Eu sei... eu sei... As palavras, por si, dizem bem pouco; mas acordam a alma, meu amor. Se não fosse assim, pr’a quê!?!... falar... Fala-se pr’a cair no teu silêncio – no silêncio em que a alma sorri toda... O teu Pedro quer falar; deixa-o dizer... Ouve-o como, mesmo adormecida, tu ouvias a fonte do jardim, do jardim das oliveiras meigas, do teu “jardim das Oliveiras”, meu amor. (*Pausa*) É o primeiro serão da eternidade. Lembro a face da terra em que te amei. Vejo os campos de Coimbra ao luzir d’alva... Eu vou partir pr’a montar... digo-te adeus... As rolas cantam perto – muito triste – no pinhal vizinho, que as entende... O Mondego, ainda a dormir, já corre... O último beijo que me deste em vida, foi n’uma hora assim: caíam folhas... os pomares ofereciam-se – doirados... quando fecho os meus olhos, vejo-a sempre: dir-se-ia que forra as pálpebras. Foi n’essa hora que eu nasci pr’à dor; foi na hora sagrada em que morreste, que a minha alma nasceu pr’a te adorar.<sup>82</sup>

Voltando á leitura da legenda tumular de D. Pedro – *Até a fim do mundo* – depura-se a crença na eternidade. O túmulo, que poderia querer significar qualquer coisa semelhante a um fim, converte-se em salvação. Há a superação da morte e o início de todo um processo poético e simbólico. Os túmulos e o corpo de Inês são atributos de vida, mantendo viva a memória cultural portuguesa.

<sup>82</sup>PATRÍCIO, António. "Pedro, o Cru": In: *Teatro Completo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p.

É pela Saudade que o amor de Pedro e Inês será pleno. O que o rei pretende é preservar a memória da amada, em uma expectativa de dar vitalidade ao seu corpo morto. A trasladação do cadáver de Inês do mosteiro de Santa Clara até ao de Alcobaça e a sua configuração como rainha na estátua sepulcral jacente são exemplos ímpares, que parecem ter reavivado na mente do povo todo o trágico episódio destes amores de Pedro e Inês.. Haquira Osakabe destaca que tais atos do rei D. Pedro serviram para “dar matéria à saudade”.

a configuração de Inês, pelos funerais reais, não foi apenas a superação simbólica da sua morte por parte de seu amante. Foi muito mais. Consagrá-la rainha correspondeu à unção (e criação) definitiva de Portugal como reino do Amor e do sentimento que permite eternizá-lo: a Saudade.<sup>83</sup>

É, portanto, a saudade a força que leva Pedro à ação, na busca da reversibilidade da morte de Inês. Retomando o pensamento de Teixeira de Pascoaes e as considerações de Haquira Osakabe, somos novamente conduzidos à leitura de Patrício. A saudade torna-se verbo encarnado: princípio e fim, elo entre a vida e a morte. É a força-motriz para a unção de um novo reino, diante do qual Portugal se revela uma província apenas. Um reino de amor que abrange a morte e os seus mistérios – “a sua natureza de mistério”. O mergulho de Pedro neste reino é uma viagem introspectiva. Transsubstanciado em Saudade, é nessa viagem que encontra a sua Inês.

Vivi um ano assim, do teu martírio. O teu sangue, amor, era o meu vinho. A tua morte, Inês, foi o meu pão. Fugia ao sol: a luz envenenava-me. Queria estar só, bem só, murado em mim: – cavava no silêncio um fojo escuro para me poder cevar da minha dor. O meu crânio era uma câmara de tortura: – viviam lá um carrasco e os assassinos. E o carrasco era eu, era o teu Pedro. Oirava de pensar... de sentir sangue... P’ra ver se assosseitava, ia montar [...] Era um lobo o teu Pedro: era uma hiena. Mas um dia, “Alguém” desceu ao fojo: – “Alguém” que era da morte e era da vida; e mais – de além da morte e além da vida... E eu vi a Saudade ao pé de mim. Nunca mais me deixou: vivo com ela. Fez-se em mim carne e sangue. Fez-se Inês. Por isso sabes a minha vida. Por isso eu sei a morte como tu. Sou o homem que viveu a vida e a morte: sou o homem-Saudade, o rei-Saudade... [...] Sou o rei... o rei do maior reino... do reino que me deste, minha Inês... Duas vezes Rainha!... Santa! Santa!... Se estou ao pé de ti – tudo foi bom!... A minha dor, Inês, beijo-a nos olhos!... beijo-a como beijei a tua boca... como – cerrando os olhos na saudade – beijei, beijei, beijei a tua alma... Tudo, tudo foi bom. Tudo eu bendigo. Oiço bater o coração do meu destino. Agora sei, Inês... agora entendo. Morreste moça – pr’a viveres na eternidade sempre moça. Bendito seja sempre o teu martírio! Bendito o lobo em mim... bendita a hiena (*Mais perto dela ainda, erguendo as*

<sup>83</sup> OSAKABE, Hakira. “A pátria de Inês de Castro”. In. IANNONE, Carlos Alberto, GOBI, Márcia V. Zamboni & JUNQUEIRA, Renata Soares (org.). *Sobre as naus da iniciação*. São Paulo: Unesp, 1998, p.108.

*mãos*) bendita tu, Inês, sempre bendita! (*Pausa. N'um tom d'intimidade mística*) estás outra vez no reino pequenino. Ele foi-te fiel como o teu Pedro. Cada árvore sabe a tua graça. A tarde cai lembrando o teu sorriso. A terra que tu pisaste, alimentou-me: era pão para mim, mais do que pão.<sup>84</sup>

O encontro de Pedro e Inês, dado “além da morte e além da vida”, em um espaço-tempo lacunar, tem qualquer coisa de iniciático: uma iniciação aos mistérios da saudade. Os sagrados mistérios da Saudade. Não é Inês que volta à vida. Mais que isso, é Pedro que a tem na morte. Assim o amor poderá ser pleno, porque ele é todo Saudade. Porque não há mais Pedro e Inês, mas Pedro-Inês, indissolivelmente.

Oiço no teu silêncio cotovias... O som e a luz casaram-se, fundiram-se: são o ar que eu respiro... o nosso ar... Oh! Asas... asas... dêem-me asas! É um abismo d'estrelas – este amor... Faz-me medo. É um turbilhão de estrelas... (*Com voz de aura, chamando*) Inês!... Inês!... eu tenho medo... Sinto o vento de luz da eternidade...

Um momento, estende os braços como asas; e resvala inerte no lajedo.<sup>85</sup>

Com a amada coroada – a sua póstuma consorte – Pedro deita-se ao lado de Inês, em um transe que lhe permite entrar no mundo da amada. E estão juntos, de mãos dadas, à porta da igreja: “É o olhar de Deus – aquela luz... É o coração de Deus – aquela igreja...”<sup>86</sup>

Respirando dessa mesma atmosfera de fantasmagoria, “Inês de Manto” – belíssimo poema de Fiama Hasse Pais Brandão – apresenta-nos uma Inês que, fora do sossego, vem tornar-se texto, este “tecido dos significantes”<sup>87</sup>, que reveste a amada de Pedro com o mais poético lirismo.

Teceram-lhe o manto  
para ser de morta  
assim como pranto  
se tece na roca

Assim como o trono  
e com o espaldar  
foi igual o modo  
de a chorar

<sup>84</sup> PATRÍCIO, António. “Pedro, o Cru”: In: *Teatro Completo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p. 167-168.

<sup>85</sup> PATRÍCIO, António. “Pedro, o Cru”: In: *Teatro Completo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p. 169.

<sup>86</sup> PATRÍCIO, António. “Pedro, o Cru”: In: *Teatro Completo*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p. 173.

<sup>87</sup> BARTHES, Roland. *Aula*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2004, p.11.

Só a morte trouxe  
 todo o veludo  
 no corte da roupa  
 no cinto justo

Também com o choro  
 lhe deram um estrado  
 um firmal de ouro  
 um corpo exumado

O vestido dado  
 como a choravam  
 era de brocado  
 não era escarlata<sup>88</sup>

Sobre o poema de Fíama Hasse Pais Brandão pode-se dizer tratar-se de uma daquelas leituras que embelezam a história e historicam as lendas. O manto que veste Inês não é o de escarlata – aquele designado á realeza. Inês é a póstuma rainha, para quem se teceu o manto que é dor e pranto. O choro se tece na roca e em pranto se converte o trono. E em pranto se fez Portugal. Porque Inês é a Rainha de Portugal. E em que trono há-de ela sentar senão naquele em que se converteu toda a ausência, toda a dor em pranto transformada?

### 4.3 A Literatura Brasileira no rastro de Inês

Em seu ensaio investigativo da projeção dos dois temas portugueses que mais freqüentam as literaturas estrangeiras – Inês de Castro e D. Sebastião – Maria Leonor Machado de Sousa verifica que, diante do fenômeno, há perguntas que surgem naturalmente, como:

- Que razões podem levar um autor a escolher um tema estrangeiro:
  - a importância desse tema na sua própria cultura?
  - a semelhança com outro existente na sua tradição cultural?
  - características sensacionais desse tema?
- E ainda:
- No caso de um tema ou mito importado, que influência exerceu ou de que modo foi alterado por influência de temas ou mitos afins?<sup>89</sup>

<sup>88</sup> BRANDÃO, Fíama Hasse Pais Brandão. “Inês de Manto”. In. *Barcas Novas*. Lisboa: Ulisseia, 1967, p.47-48.

<sup>89</sup> SOUSA, Maria Leonor Machado de. *D. Inês e D. Sebastião na Literatura Inglesa*. Lisboa: Vega, s/d., p. 9-10.

Como realizado pela professora em relação a estes temas na Literatura Inglesa, aplicaremos o esquema investigativo referente à produção lírica da Literatura Brasileira, que vem encontrando interesse artístico no episódio de Inês de Castro.

Um salto de quatro séculos separa a Inês de Camões da *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, obra síntese de sua experiência como poeta, romancista e pintor. Apontam alguns críticos tratar-se de uma biografia épica do artista em busca de plenitude sensível e espiritual. Ressalta, inclusive, Cláudio Murilo Leal que o poema de Jorge de Lima

está para a literatura brasileira assim como *Os Lusíadas* para a portuguesa. Considerados dois verdadeiros monumentos poéticos e lingüísticos, que enriqueceram para sempre o nosso patrimônio cultural, ambos os poemas celebram um compromisso entre respeito à tradição e a ousadia da renovação.<sup>90</sup>

“Permanência de Inês” – o canto IX de *Invenção de Orfeu* – é a própria exaltação do fazer poético. Paradigmaticamente recriando e revitalizando o sintagma camoniano, a Inês de Jorge de Lima não é aquela “posta em sossego”, mas a que não ficou “nunca em sossego”.

Estavas, linda Inês, nunca em sossego  
e por isso voltaste neste poema,  
louca, virgem Inês, engano cego,  
ó múltipara Inês, sutil e extrema,  
ilha e mareta funda, raso pego,  
Inês desconstruída, mas eureka,  
chamada Inês de muitos nomes, antes,  
depois, como de agora, hoje distantes.<sup>91</sup>

É, parece-nos, justamente esse desassossego a certeza – ou garantia – da “permanência de Inês”. É a lenda que se fez mito – e se fez texto. Inês é verbo encarnado, é o poema, a abertura para o texto literário: a origem da poesia. Introspecção, prospecção e retrospectiva, *Invenção de Orfeu* é mundividência, expressão do Cosmos. Experiência e conhecimento. Inês surge como poesia, unida, transsubstanciada:

Porém penumbra vaga ou talvez acha

<sup>90</sup> LEAL, Cláudio Murilo. “*Invenção de Orfeu*: uma nebulosa cosmogonia”. In: LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.7.

<sup>91</sup> LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 359.

celeste consumindo-se, também  
 a própria concepção parindo baixa  
 a real prole; de súbito ninguém  
 nessas longínquas órbitas que enfaixa  
 com seus cabelos, ela-a-mais-de-cem,  
 a mais de mil, Inês amorfa e aresta,  
 Inês a só, mas logo a sempre festa.

Inês que fulge quando o dia brilha  
 ou se acinzentava quando o ocaso avança,  
 rainha negra, mãe e branca filha,  
 entre arcanjos do céu etérea dança,  
 e nos dias dos mundos andarilha,  
 andar incandescente que não cansa  
 poema aparentemente muitos poemas,  
 mas infância perene, tema em temas.<sup>92</sup>

Jorge de Lima confirma o que previu Garcia de Resende: a glória de Inês é tornar-se texto. O galardão do amor é morrer e, na morte, renascer em re-criação. É Orfeu, o poeta-homem-criador que transforma Inês nas mil faces, amorfas, atéreas, eternas. A visão que o sujeito-lírico tem de Inês é uma espécie de iniciação poética. Uma viagem iniciática. Contemplar Inês é contemplar a própria poesia. Esta poesia que é libertadora dos sentidos, porque ela, Inês, a “musa Inês”, assim o é pela força da criação literária. Como poesia, está além do tempo, porque não finda; está para além do espaço, porque atravessa fronteiras.

É o vislumbre da Máquina do Mundo. Inês é poesia, Inês é revelação. O olhar é o elo entre o menino e a musa:

Ela fechada virgem, via-a em rio;  
 eu era os meus sete anos, vendo-a vejo  
 a própria poesia que surgiu  
 intemporal, poesia que antevejo,  
 poesia que me vê, verá, me viu,  
 ó mar sempre passando em que que velejo  
 eu próprio outro marujo e outro oceano  
 em redor do marujo trasmontano.

Meu pai te lia, ó página de insânia!  
 E eu escutava, como se findasses.  
 Findasses? Se tu eras a espontânea,  
 a musa aparecida de cem faces,  
 a além de mim e além da Lusitânia  
 como se além da página acenasses  
 aos que postos em teus desassossegos  
 cegam seus olhos por teus olhos cegos.<sup>93</sup>

<sup>92</sup> LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 359-360

<sup>93</sup> LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 360.

Comunhão com a existência, Inês é a epifania de muitos poetas. “Inês refaz-se simultaneamente, / obumbra os horizontes, cobre o poente”. Resgate de um passado, vislumbre para o futuro. É a libertação dos sentidos. Linguagem primitiva e criação de outras – é o mito que se cria.

Amou revelação, purificou-se,  
nenhum amor descrito conseguiu  
ensombrar-lhe de angústia o olhar doce.  
Inês resplandecente, sempre estio,  
conheceu-se em seus símbolos. Amou-se,  
pois fora restituída. Coexistiu.  
Chispa inventiva, Inês florida arena  
marasmos espezinha. Altiva cena.<sup>94</sup>

Poema sobre poemas, *Invenção de Orfeu* é a recriação constante da palavra, do discurso. Da palavra em curso. Poesia recriada através de outras. É o que Cláudio Murilo Leal chamou de “um texto palimpsesto, que incorpora elementos de uma prévia literatura. Isto é, em *Invenção de Orfeu* ressoam vozes pretéritas”<sup>95</sup>. Vozes de muitos poemas, de muitos poetas-deuses-criadores-de-mil-criaturas. Poetas que, colhendo os doces frutos poéticos, encontraram Inês – apenas Inês – fora do sossego. E com ela desassossegaram-se. Fusão entre sujeito e objeto. Permanência de Inês entre a imaginação e a memória:

Inês da terra. Inês do céu. Inês.  
Preferida dos anjos. Ádua rota,  
conúbio consumado, antevivuvez.  
Mas após amplidão sempre remota,  
branca existência, face da sem tez.  
Ontem forma palpável. Hoje ignota.  
Eterna linda Inês, paz, desapego,  
porta recriada para os sem-sossego.  
[...]  
Queimada viva, logo ressurrecta,  
subversiva, refeita das fogueiras,  
adelgada como início e meta;  
as palavras e estrofes sobranceiras  
narram seus gestos por um seu poeta  
ultrapassado às musas derradeiras  
da sempre linda Inês, paz, desapego,

<sup>94</sup> LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 361-362

<sup>95</sup> LEAL, Cláudio Murilo. “*Invenção de Orfeu*: uma nebulosa cosmogonia”. In: LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.13-14.

porta da vida para os sem-sossego.<sup>96</sup>

Inês de Castro é o tema de *A rainha arcaica*, de Ivan Junqueira. Como Jorge de Lima, o poeta é instigado pelo mito inesiano, buscando reescrevê-lo – ou mais exatamente, relê-lo, revitalizá-lo – seja na prosa poética de Fernão Lopes, nos doces versos de Garcia de Resende ou nos de Camões. Os quatorze sonetos que compõem *A rainha arcaica* oferecem uma bela leitura desse mito que, transposto da História, ganha contornos poéticos.

Para Ivan Junqueira, “Toda esfinge exhibe um signo / visível de seu enigma, / embora quem o pressinta / jamais lhe decifre a escrita”. E assim o é com a sua Inês. Instigando, provocando o leitor, o poeta retoma o célebre verso de Fernando Pessoa, para quem “o mytho é o nada que é tudo”, apontando já para um caminho de leitura desse mito que se renova a cada leitura.

“A rainha indivisa”, primeiro soneto, demonstra uma possível falência dos desejos e das ações humanas:

E vendo-se a rainha despojada  
de seus haveres ancestrais e a pátria,  
sem feudo ou latifúndio – as glebas fartas  
agora à míngua, do calcâneo à escápula;  
e vendo-se a monarca exígua e arcaica,  
sem rei na alcova, tumba de alabastro,  
distante já dos ais de suas aias  
que entre águias e unicórnios fabulavam;  
e a soberana assim posta em desgraça,  
de eunucos e presságios rodeada,  
lívida ao gume esguio das adagas,  
de joelhos se pôs na orla das águas,  
e as vagas lhe rasgaram a ilharga: tálamo  
onde párias foram reis. E reis, vassalos.<sup>97</sup>

Inês, desamparada e despojada de si mesma, exígua e arcaica descobre-se morta em vida. Ela que “ora defunta, / já foi infanta e bela como tantas”. Em ruína, “de si própria se fez pântano”. São os indícios da falência e do luto diante de tudo o que é efêmero, transitório. Ivan Junqueira vem provar que o fazer poético tem o poder de reverter o irreversível. A morte de Inês é o seu galardão, atesta Garcia de Resende. A permanência de motivos poéticos é a vitória sobre a morte, propõe Junqueira. O poeta, como herdeiro da poética inesiana, faz da

<sup>96</sup> LIMA, Jorge de. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.363-364.

<sup>97</sup> JUNQUEIRA, Ivan. “A Rainha Arcaica”. In. *Poesia reunida*. São Paulo: A Girafa, 2005, p.80.

*rainha* a sua *poesia*: “o tema histórico tratado por Fernão Lopes, Garcia de Resende, Camões e Jorge de Lima é convincentemente retomado por Ivan Junqueira, que se insere assim numa das tradições mais caras à lírica luso-brasileira”.<sup>98</sup>

O poema “Eu era moça, menina...”, glosando Garcia de Resende, tem como enunciador a própria Inês de Castro. Viva – embora morta – e conhecedora de seu destino:

Eu era moça, menina, em meus paços  
muito honrada, por nome Inês de Castro,  
quando o vi no Mondego, inquieto e esgalgo,  
a sitiar-me a fímbria das espáduas.  
Era o infante meu primo, ajaezado,  
o dinasta afonsino com seus gládios,  
seus cães de fino faro em meu encalço  
no afã de decifrar-me a foz do orgasmo.  
Ele se veio a mim como quem sabe  
que à fêmea apraz o macho sem alarde.  
Nada pediu. Quis-me. Fiz-lhe a vontade.  
E a sorte, bem sabeis, lançada estava  
quando o vi no Mondego (e já era tarde  
para o perdão de Portugal e o Algarve).<sup>99</sup>

Junqueira eleva ao mais alto patamar o pensamento de poetizar a História. “A poesia é revelação da condição e consagração de uma experiência histórica concreta”<sup>100</sup>, disse Octavio Paz. O soneto XII d’ *A rainha arcaica* – “Vai numas andas...” – é a leitura do texto de Fernão Lopes que o poeta utiliza em epígrafe – “Sempre o seu corpo foi per todo o caminho per antre círios acesos” – e reconstitui a cena espantosa – e majestosa – da transladação do cadáver de Inês:

Por entre a luz dos círios, sob a névoa,  
navega o féretro de uma donzela.  
Vai numas andas que os fidalgos levam  
em lento périplo ao redor das glebas.  
E voa assim por dezassete léguas  
que entre Alcobaça e as serras se enovelam.  
Vai leve o séqüito em seu curso aéreo  
ao som do réquiem que sussurram os clérigos.  
Flameja a infanta sobre um mar de flechas  
e nave adentro flui rumo à capela,

<sup>98</sup> TELES, Gilberto Mendonça. “As duas vozes do poeta”. In. JUNQUEIRA, Ivan. *Poesia reunida*. São Paulo: A Girafa, 2005, p.245.

<sup>99</sup> JUNQUEIRA, Ivan. “A Rainha Arcaica”. In. *Poesia reunida*. São Paulo: A Girafa, 2005, p.82.

<sup>100</sup> PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. 3. ed. México: FCE, 1972, p. 231. (Ao citar, traduzi)

cerca de Pedro, que na pedra a espera  
 e em pedra a entalha da coroa aos pés.  
 Descansa, Inês, longe dos reis terrestres,  
 pois que outro reino agora te celebra.<sup>101</sup>

O mistério da criação poética é desenvolvido no último soneto: “Inês: o nome”. Nele, o poeta apresenta uma Inês que é eterna – e o que se configuraria como um fim, passa a ser o princípio da vida poética. Eis o mistério da poesia, que Ivan Junqueira nos revela nestes versos d’ *A rainha arcaica*:

Inês é nome que se pronuncia  
 para instigar ou seduzir prodígios,  
 é senha que as sibilas balbuciam  
 ao decifrar enigmas cabalísticos.  
 É mais do que isto: códice da língua,  
 raiz da fala, bulbo do lirismo.  
 É gênese da raça e do suplício,  
 arché do amor e substância prima.  
 É mais ainda: tálamo do espírito,  
 dessa alquimia de morrer em vida  
 e retornar na antítese do epílogo.  
 E quem disser que Inês é apenas mito  
 – mente. E faz dela inútil pergaminho.  
 E da poesia um animal sem vísceras.<sup>102</sup>

Sobre esse soneto Gilberto Mendonça Teles diz:

Aí estão as imagens primordiais da nossa história poética e, também, da história poética de cada um, com seus traços, seus enxertos, seu horizonte cultural, a *raiz da fala* e o seu matiz de fálus a ler-se também nessa bela imagem vegetal de um *bulbo do lirismo*, um caule subterrâneo engendrando a *gênese da raça*, na arché do amor e do suplício, nessa morte que se transforma em poesia.<sup>103</sup>

O legado inesiano encontra em Tatiana Alves a sua continuidade. Além de ensaísta e leitora atenta das Literaturas de Língua Portuguesa é premiada escritora. Segundo ela própria, “comete delitos poéticos há mais de vinte anos, e há sete transgredir também em prosa”. Dos seus muitos “delitos poéticos” destacamos dois poemas a que chamamos *Inesianas*: “No rastro de Inês” e “No rastro de Inês II”. O primeiro deles, um constante mover de significantes e significados. Vamos à leitura.

<sup>101</sup> JUNQUEIRA, Ivan. “A Rainha Arcaica”. In. *Poesia reunida*. São Paulo: A Girafa, 2005, p.85.

<sup>102</sup> JUNQUEIRA, Ivan. “A Rainha Arcaica”. In. *Poesia reunida*. São Paulo: A Girafa, 2005, p.86.

<sup>103</sup> TELES, Gilberto Mendonça. “As duas vozes do poeta” In. JUNQUEIRA, Ivan. In. *Poesia reunida*. São Paulo: A Girafa, 2005, p.246.

Inês de Castro  
 Inês no claustro  
 Inês de quatro  
 Inês no rastro

Inesquecível  
 Inesgotável  
 Inexplorável  
 Inesperada

Inebriante  
 Inevitável  
 Inexplicável  
 Inestimável

Que lastimável!  
 Inês é Marta?  
 Inês é morta  
 E coroada

Rainha Inês,  
 Coroa a nós,  
 Funestas musas,  
 De insensatez<sup>104</sup>

Tzvetan Todorov, ao descrever a arte como um sistema semiótico que contém em si a marca das formas abstratas da linguagem, destaca que a literatura:

[...] tem a linguagem ao mesmo tempo como ponto de partida e de chegada; esta lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, é ao mesmo tempo mediadora e mediada. Por isso a literatura é não só o primeiro campo a ser estudado a partir da linguagem, mas também o primeiro cujo conhecimento pode lançar nova luz sobre as propriedades da própria linguagem.<sup>105</sup>

Seguindo os passos de Todorov, “No rastro de Inês” é uma nova luz lançada sobre o mito inesiano. A eufonia dos versos é re-criação sígnica: o signo semiológico é uma constante evocação a Inês. Esta que é signo em rotação, esvaziado e preenchido, sucessivamente. Abraçando o que diz a História e recriando o que dizem as lendas, o segundo poema – “No rastro de Inês II” – é a glorificação de Inês em um trono póstumo. É aquilo que permanece após a morte, frente à perene condição do homem a um tempo que se aborta:

<sup>104</sup> ALVES, Tatiana. “No rastro de Inês”. In. *Perfil 2006: poesia*. Rio de Janeiro: Oficina Editores, 2005, p.75.

<sup>105</sup> TODOROV, Tzvetan. *Poética da Prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.32.

Em seu colo de alabastro  
 Não há quem não se conforte  
 Esta foi Inês de Castro  
 Do amor fez seu suporte

Pelas armas de Cupido  
 Pedro a ela se transporta  
 Ao amor já convertido  
 Nada mais já lhe importa

Quis Fortuna que a cilada  
 Levasse Pedro em seu rastro  
 Descuidando da amada  
 Não há mais Inês de Castro

Pedro volta da jornada  
 E chora por sua rainha  
 A bela, de jóias ornada,  
 Rege o tom da ladainha

Coroada após a morte  
 Num futuro que se aborta  
 Uma póstuma consorte  
 Já é tarde: Inês é morta.<sup>106</sup>

“No rastro de Inês II” é a força da irreversibilidade da morte, retomando o velho bordão: “Já é tarde: Inês é morta”. Mas ela, Inês, é a “póstuma consorte”, rainha depois de morta. Essa a garantia da sua volta nesse texto – em tantos textos. Tatiana Alves atesta: Inês é mais que mito. É revelação poética – a epifania de muitos poetas.

---

<sup>106</sup> ALVES, Tatiana. “No rastro de Inês II”. In. *Poiesis 2006*. Rio de Janeiro: Oficina Editores, 2006, p.88.